

É verdade que a sociedade brasileira conseguiu combater, de modo exemplar, a miséria material. Falta agora combater a miséria nos níveis intelectual, espiritual e ética: a indiferença perante a questão dos valores, a indiferença quanto ao rumo do desenvolvimento e o cinismo na política.

Thomas Kesselring,

professor, filósofo, Berna, Suíça. Realiza frequentemente atividades de estudo, pesquisa e assessoria no Brasil. Endereço eletrônico: thomas.kesselring@phbern.ch

Os economistas fazem várias distinções sobre pobreza. A *pobreza absoluta* (ou *miséria*) é definida como a falta das condições necessárias para sobreviver: falta de comida, água limpa, moradia digna, saneamento básico, vestimenta, acesso ao atendimento médico e ao ensino elementar.

Em contrapartida, fala-se de *pobreza relativa*, quando uma família vive de uma renda 40% ou 50% abaixo da renda média da sociedade nacional. As condições materiais da pobreza relativa podem diferir de país para país: numa sociedade com salários altos, o limite da pobreza é mais elevado do que numa sociedade com salários baixos. Numa sociedade rica, a maioria das famílias que vivem em pobreza relativa não é pobre no sentido absoluto. Por outro lado, se quase todo mundo é muito pobre, como em Moçambique, a maioria pode ficar acima do limiar da pobreza relativa, apesar de ser pobre no sentido absoluto.

O Banco Mundial define dois patamares de pobreza: o primeiro refere-se a pessoas cuja renda diária é de menos de um dólar por pessoa (mais exatamente: menos de US\$ 1,25, com o poder aquisitivo de 2005). Em 2009, 1,377 bilhões de pessoas viviam nesta condição (de uma população global de 6,8 bilhões). Quer dizer que em nosso mundo *globalizado*, uma de cinco pessoas é praticamente excluída do mercado! O segundo patamar é definido por uma renda diária abaixo de dois dólares: não menos de 40% da população mundial vivem nessa condição.



O Brasil é rico ou pobre?

Com o *Bolsa Família*, o governo Lula diminuiu a pobreza no Brasil. Desde 2003, o programa atingiu 11 milhões de famílias - um quarto da população. Desde que a inflação foi contida, em 1994, a pobreza recuou seguidamente. Não apenas isso: o Real, criado naquela ocasião, hoje é mais estável do que o Dólar e o Euro.

O Brasil está preparando a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Em geral, a voz do Brasil ganhou peso no mundo. O país faz parte do grupo *BRIC* (Brasil, Rússia, Índia, China), cujo crescimento econômico desafia as grandes potências tradicionais - Estados Unidos, Canadá, União Europeia e Japão.

Na última década, os quatro países do BRIC brilharam com uma renda média que literalmente explodiu. Desde 1986 a renda média cresceu mais de 24 vezes na China e mais de dez vezes na Índia. No Brasil ela cresceu acima de cinco vezes. Só na Rússia ela diminuiu - há 15 anos a sua economia quase entrou em colapso, mas depois voltou a crescer rapidamente.

Entre 1981 e 2005, o número de brasileiros vivendo no primeiro patamar da pobreza diminuiu de 17% para 8%. Na China, a pobreza diminuiu bem mais ainda - de 84% para 16% - e na Índia de 60% para 42%. A exceção é a Rússia, onde a qualidade de vida diminuiu tanto que até a população vai decrescendo.

Na última década, os países asiáticos cresceram mais rapidamente do que o Brasil. Mesmo assim, entre os países BRIC, o Brasil goza de longe das melhores condições: no Brasil vivem, na média, 24 pessoas por km²; na China são 139, e na Índia, 357. Ou seja: de seis a 15 vezes mais! Na Rússia, país com a maior superfície do mundo, há só 14 habitantes por km². Mas, apesar da sua imensidão, a Rússia está mal inserida no mercado mundial: faltam portos navegáveis, o que torna a exportação e a importação de bens comerciais extremamente caras. A economia russa é fraca e depende quase totalmente da venda de gás e petróleo.

A China e a Índia têm outros problemas: sofrem séria escassez de água, com lençóis freáticos superexplorados, dos quais alguns em breve vão se esgotar. Os chineses tiram tanta água dos seus rios que todo ano o

Rio Amarelo seca antes de alcançar o mar. O Brasil, em contrapartida, tem água em abundância: boa parte do sistema fluvial do Amazonas, contendo dois terços de toda a água doce do planeta, pertence ao Brasil, e o maior lençol freático, o aquífero Guarani, ainda é quase intocado. Na China e na Índia, as áreas agrícolas estão escassas. No Brasil, por contraste, a área agrícola ainda pode crescer!

Para onde vai o país?

Parece que, por razões geográficas, o Brasil é um dos paraísos mais felizes neste planeta. Contudo a sociedade brasileira passa por uma profunda crise: a pobreza diminuiu, sim, mas apenas no sentido material. Os pobres transformaram-se em consumidores, o que levou a economia brasileira a disparar. O sinal mais visível disso é o crescimento incontrolado da frota de carros, causando engarrafamentos cada vez mais sérios e tornando a vida nas cidades cada vez mais estressada. *Penso, então existo*, disse Descartes, filósofo francês. O brasileiro de hoje responde: *Consumo, então existo*.

Para onde vai o Brasil? Essa questão raramente se discute. Reina uma indiferença geral sobre os objetivos do desenvolvimento. Pior: falta a reflexão sobre o que está certo e errado. A falta dessa reflexão espelha-se na onipresença do jeitinho, da propina, do suborno, da sonegação, da corrupção.

Não tem isso tudo a ver com educação? É verdade que no Brasil o analfabetismo diminuiu quase a zero, mas a televisão não parou de exercer influência maior na população do que toda a rede de ensino. É verdade que a televisão oferece alguns programas com certa qualidade, mas a maioria dos programas não tem valor educativo nem informativo. É verdade que hoje mais de cem universidades brasileiras têm pós-graduação, mas o ensino básico continua precário como sempre.

Questões para debate

- 1 - Por que o combate à miséria não depende apenas de questões materiais?
- 2 - Qual é o papel da educação para chegarmos a uma sociedade mais feliz?